

**LÍNGUA VIVA:
EVIDÊNCIAS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS
EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Joyce Vieira Fettermann (UENF)

joycejviera@gmail.com

Bruno Cesar Nunes de Andrade (UFRJ)

brunoandrade82@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elianafff@gmail.com

RESUMO

Diversas questões relacionadas à vida, ao dia a dia das pessoas, bem como às suas preferências, influenciam diretamente o modo como elas interagem e se comunicam, o que pode resultar em novas formas de falar. Nesse sentido, este trabalho pretende dar a entender a relação mantida entre linguagem e identidade(s) de gênero e, dessa forma, demonstrar como comunidades de prática (CoPs) colaboram para mudanças na forma como professores de inglês comunicam-se na pós-modernidade. Para tanto, foram analisados eventos comunicativos em um grupo de professores brasileiros de língua inglesa na rede social Facebook, segundo Pierre Bourdieu (1982), Kira Hall e Verônica O'Donovan (1996); Anna Livia (1997), Judith Butler (1999, 2003), Matti Bunzl; Penelope Eckert; Sally Mcconnell-Ginet (2003), Stuart Hall (2004 e 2005), Mary Bucholtz, entre outros. Ao final, verificamos que esses eventos evidenciaram uma tentativa de neutralização do gênero gramatical e inclusão social, ao serem utilizadas as terminações *-@* e *-x* em palavras masculinas e femininas na escrita em português, e o pronome *they*, normalmente usado na terceira pessoa do plural, fazendo referência a uma só pessoa, no singular, em inglês.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Pós-modernidade.

Ambientes virtuais. Neutralização de gênero.

1. Introdução

A sociedade contemporânea passa por mudanças antes não previstas, que acarretam também questionamentos quanto à linguagem adequada para incluir todos de maneira igual, abandonando tendências sexistas e excludentes, que podem deixar pessoas à margem nas diferentes situações de comunicação.

Nesse sentido, os princípios de Ferdinand de Saussure destacam que a língua não é um sistema individual, mas sim, social. Para isso, faz-se importante considerar a imensa gama de significados impregnados nela e nos sistemas culturais, além da instabilidade dos significados que surgem nas relações de similaridade e diferença entre as palavras, no interior do código da língua.

Portanto, buscamos neste artigo evidenciar mais uma vez a língua enquanto sistema social, que necessita constantemente se adaptar às necessidades de uso cotidiano, tendo em vista as identidades dos indivíduos pós-modernos, que podem afetar seus discursos.

Dessa forma, são realizadas observações de eventos comunicativos de professores de inglês na comunidade BrELT (*Brazil's English Language Teachers*) e entrevistas, com a finalidade de dar a entender suas motivações para os usos feitos das terminações *-@* e *-x* em palavras que possuem gênero feminino ou masculino, bem como o pronome pessoal *they*, referindo-se ao singular.

Abordamos, então, questões de gênero gramatical e performatividade social; linguagem, identidade e gênero na pós-modernidade; e partimos para as análises do material observado na comunidade virtual no Facebook.

2. Gênero gramatical e performatividade social

A subjetividade individual desenvolve-se em relação ao outro através de um processo de identificação/desidentificação (HALL, 2000; WOODWARD, 2000). “A identidade é marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000:9). Definimo-nos enquanto sujeitos a partir do reconhecimento de traços em comum ou em contraste com os outros à nossa volta. Dessa maneira, a linguagem e os sistemas simbólicos estão diretamente implicados na construção das identidades. (HALL, 2000, 2004; WOODWARD, 2000)

Diversos autores (HALL & O'DONOVAN, 1996; LIVIA, 1997; BUNZL, ECKERT & MCCONNELL-GINET, 2003; BUCHOLTZ & HALL, 2005) afirmam que, nas diversas línguas que o utilizam, o sistema gramatical de gênero configura-se como uma ferramenta de produção de identidades sociais. Em português, o gênero gramatical distingue o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 189) que, assim como o

francês, o espanhol e o hindu, expressam gênero de forma explícita (DURANTI, 2001) em sua morfologia e sintaxe.

O gênero gramatical caracteriza-se, na língua portuguesa, como uma classe que classifica os substantivos de acordo com traços semânticos, morfológicos e fonológicos. Os dois últimos abarcam a descrição dos sistemas linguísticos possuidores de gênero gramatical. Línguas como o francês – e o próprio português – são classificadas como sistemas formais, em que os traços semânticos dos substantivos são determinados pela minoria das atribuições de gênero (masculino, feminino e neutro). Isso porque tais línguas possuem apenas dois gêneros: feminino (marcado) e masculino (não marcado) e que a maioria dos nomes nessas línguas é sexuada.

Tal fenômeno tem como consequência a formação de uma grande quantidade de “resíduo”, ou seja, há um grande número de substantivos que podem ser alocados em duas categorias sem que haja correspondência semântica nessa distribuição, sendo comuns a dois gêneros. De acordo com Joaquim Matoso Câmara Jr. (1967), a marca do substantivo e do adjetivo feminino é a letra “a”, enquanto a marca para os masculinos é a ausência do “a”. E para generalizar, portanto, é usada a forma plural - com o “s” no final - e o gênero masculino da palavra, definido como sua forma “natural”.

A linguagem implica aspectos de ordem cognitiva, social e interacional. Além disso, a construção sociológica da linguagem se dá, pelo arranjo dos elementos da língua, conforme as possibilidades que a língua oferece e as limitações que ela impõe. Dessa maneira, as escolhas linguísticas estão a serviço do querer dizer de um sujeito que atua em interação e na sua articulação, conferem força argumentativa a enunciados. (KOCH, 2004)

Pierre Bourdieu (1982) enfatiza que é a associação de um indivíduo a uma instituição que dá poder à sua fala. Tal poder reside no fato de que os falantes não utilizam a linguagem simplesmente por conta própria, mas são representantes de um grupo ou instituição que provê a base que sustenta esse poder. O conceito de *iconização* (GAL & IRVINE, 1995, p. 967) indica que a criação de uma conexão natural entre uma variedade linguística e seus falantes é realizada quando se associam supostas qualidades de variedades de linguagem a supostas qualidades das pessoas ou grupos que usam essas variedades.

De acordo com Rodrigo Borba e Ana Cristina Ostermann (2008),

tal fenômeno permite que os falantes possam utilizar o sistema gramatical de gênero como um recurso de autoconstrução, construção de seus interlocutores e daqueles sobre quem falam como seres genericados. De acordo com Judith Butler (2003) esse processo é fortemente baseado em práticas semióticas, culturalmente ligadas a categorias sociais específicas, que fazem com que os/as falantes se refiram a si mesmos/as e a seus/suas interlocutores/as, a partir de suas performances de gênero.

3. *Linguagem, identidade e gênero na pós-modernidade*

No mundo contemporâneo, as novas formas de pertencimento se afirmam como especialmente significativas na medida em que mudanças econômicas e sociais reforçam a identificação a diferentes tipos de grupos sociais, étnicos, religiosos, e de gênero, por exemplo. A linguagem, dessa forma, funciona como agente de performatividade social, tornando-se equivalente a:

[...] um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas. (CASTILHO, 2000, p. 12)

Nesse sentido, a linguagem é representada como em constante evolução e sendo modificada de acordo com o ambiente sociocultural onde o falante está inserido, permitindo que sujeitos criem suas diversas identidades e que possam ser ressignificados. Uma vez que a criação e ressignificação de identidades emergem na linguagem, a linguagem torna-se um artefato simbólico, no qual as representações, os valores e as práticas sociais são fundamentados.

Ao constituir identidades o sujeito mobiliza, reatualiza e ressignifica seu discurso. Reforçando, dessa maneira, a produção de outros sentidos e interpretações que marcam a sua heterogeneidade constitutiva, uma vez que, o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do outro (ORLANDI, 1996; CORACINI, 1995). Em seus estudos sobre identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall ressalta que “o sujeito [...] está se tornando fragmentado” (HALL, 2004, p. 12) e que os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas, produzindo sujeitos que possuem uma identidade formada e transformada continuamente:

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – aos menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13)

A língua funciona como o meio pelo qual podemos manter ou contestar significados antigos e construir ou resistir aos novos. A formação de identidades evidenciada pela linguagem pode ser evidenciada na questão de expressão de gênero. A esse respeito, Penelope Eckert (2003) sublinha que gênero é um sistema de significado, uma maneira de construir as noções de masculino e feminino. A expressão “gênero social” vem sendo utilizada para marcar questões referentes a diferenças sexuais. De acordo com Tereza Lopes Miranda e Édina Schimanski (2014), ela emerge - enquanto categoria histórica e sociocultural - como conceito de análise de questionamento dos discursos que definem os comportamentos dos indivíduos baseados no sexo.

As autoras apontam que em ciências Sociais, os questionamentos sobre gênero iniciaram-se nos anos 70 com a ideia de que o masculino e feminino são elaborações socioculturais e que, por isso, variam historicamente. O distanciamento da ideia de que as expressões de identidade de gênero deveriam ser correlacionadas ao fator biológico, possibilitou a diferentes abordagens analíticas de pesquisa sobre o assunto. As concepções sobre masculinidade e feminilidade foram ressignificadas distinguindo práticas e interpretações, levando em consideração os contextos nos quais estariam inseridos. Entre os anos de 1980 e 1990, o conceito de gênero estava cada vez mais atrelado à noção de cultura, tornando-os indissociáveis um do outro.

De acordo com Judith Butler (2003), a noção de gênero é criada e produzida socialmente devendo, portanto, ser encarado como uma variante fluida - um “processo ao invés de um estado” (BUTLER, 2003, p. 3) e que pode ser expressado de diferentes maneiras. Segundo a autora, as normas que regulam o sexo dos indivíduos necessitam ser repetidas e reiteradas para que possam se materializar nos corpos. Ela ainda acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 154), fazendo com que as expressões de gênero tenham que ser constantemente citadas, reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos. As normas regulatórias de gênero têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual. Dessa maneira, a linguagem

corporiza e nomeia sujeitos através de uma construção discursiva.

Na sociedade contemporânea, o conceito de gênero tem norteado reflexões diversas sobre a produção cultural de diferenças, desencadeando discussões relacionadas à diversidade e identidade de gênero, ao fazer referência à percepção subjetiva dos “atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres no contexto social”. (MIRANDA & SCHIMANSKI, 2014, p. 89)

Essa produção de diferenças tem sido notória nas interações em ambientes virtuais, causando impactos relacionados a questões linguísticas e sociais. Pedro Lyra (2009) afirma que este tempo pós-moderno pode ser simbolizado pela internet e dinamizado pelo celular, que diminuiu as distâncias ao simples toque de uma tecla, dispensando a necessidade de locomoção, de desperdício de tempo e de grandes gastos. Segundo o pesquisador,

É um novo *lugar*, não apenas de comunicação, mas de existência: muita coisa se consoma no espaço virtual, numa nova forma de relacionamento entre as pessoas: vencidas as barreiras físicas, que no passado bloqueavam o intercâmbio dos povos, hoje estamos todos em contato, simultâneo e universal. Tanto quanto uma 2ª forma de vivenciar a cultura, o ciberespaço acabou criando também uma 2ª forma de viver, e não apenas em *sites* específicos. (LYRA, 2009, p. 5)

Essa forma de se relacionar no ciberespaço faz com que as pessoas utilizem linguagem como ferramenta para existirem como sujeitos e criarem novas conexões através da linguagem. O objetivo deste estudo é, portanto, analisar expressões de tentativa de neutralização da marcação de gênero gramatical nas línguas portuguesa e inglesa como ferramenta de construção e afirmação da identidade, refletindo sobre essas variações linguístico-discursivas, que foram coletadas em um grupo brasileiro de professores de língua inglesa no Facebook. (BrELT – *Brazil's English Language Teachers*)

4. *Língua viva: análise de dados*

Do ponto de vista linguístico e gramatical, a tentativa de neutralidade de gêneros é um produto recente das transformações socioculturais que clamam por mais igualdade entre os indivíduos. Consagradamente, a barra (/) tem sido o símbolo mais utilizado como tentativa de neutralização de gênero, como em *aluno/a*. Em exemplos como esse, no entanto, seu uso ainda mantém – e reforça – a marcação de dois únicos gêneros.

Na pós-modernidade, porém, dentre as propostas mais discutidas encontram-se o uso das terminações *-@*, *-x* e *-e* (ex.: *alun@*; *alunx*; *alune*). Segundo Beatriz Preciado (2002), mesmo que essas novas propostas consigam, esteticamente, erradicar os traços em que se torna possível reinscrever posições masculinas e femininas, a questão não é privilegiar uma marca linguística, nesse caso neutra, para provocar uma transformação social.

Na perspectiva da autora supracitada, o corpo é um texto socialmente construído e o sexo/gênero é um sistema de escritura que não propõe intervenções que se reduziriam ao campo das variações linguísticas. Portanto, mesmo que seja desempenhada uma escritura da neutralidade com pronomes neutros e suas demais variações, faz-se necessário evidenciar e questionar o que se entende por sexo e gênero.

Tais variações linguísticas remetem à motivação de William Labov (2007), ao se interessar em pesquisar as transformações linguísticas da fala cotidiana, com a qual a teoria padrão não estava acostumada a lidar. Foi então que seus estudos passaram a lhe fornecer “respostas claras para problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística” (LABOV, 2007, p. 1). Segundo o autor, o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala.

Acreditamos que ao compreender a língua como organismo que se modifica constantemente, oportunizando a (re)construção de saberes, este trabalho propõe uma análise de observações de eventos comunicativos - postagens e entrevistas para aprofundamento de questões - em um grupo brasileiro de professores de língua inglesa no Facebook (BrELT - *Brazil's English Language Teachers*) com a intenção de coletar evidências de variações linguísticas emergidas em comunicações que sinalizam uma possível neutralização da marcação de gênero gramatical em inglês e em português.

Cumpramos destacar que, por preocupações éticas, a identidade dos participantes foi preservada através do uso de nomes fictícios. Faz-se importante mencionar que os dados não sofreram quaisquer alterações ao serem transcritos, exceto por grifos que utilizamos para destacar e mais facilmente identificar as porções selecionadas.

4.1. Terminações em língua portuguesa

Na observação da postagem de Cacá, percebemos desconhecimen-

to de sua parte sobre ferramentas linguísticas para identificar sujeitos não-binários, ao apontar que:

Senti falta de um pronome noutra dia (...) para *me referir a duas meninas*, pois *acho que uma delas se identifica como menino* (...). Eu disse “você*s duas* podem fazer *juntas* (...). E depois fiquei pensando se *el@* se ofendeu, seu eu deveria perguntar... o que fazer nessa situação? Tem algum pronome em português? (Cacá, postagens na comunidade). (Grifo nosso)

A falta de conhecimento sobre estratégias de neutralização de gêneros causa estranheza em Cacá, pois mesmo ao apontar que os dois sujeitos em questão eram do sexo feminino (“*me referir a duas meninas*”), ela se utiliza do *-@* para neutralizar sua fala perante a comunidade. Entrevistamos Cacá, para que pudéssemos compreender melhor suas motivações, que apontou vontade em utilizar outra forma de neutralização: “eu usei *-@* mas queria ter usado *-x*. É assim que o pessoal escreve, né?”. Indagamos seu motivo para tal e obtivemos como resposta: “o *-@* parece feminino. E o *-x* parece ser o que a maioria das pessoas tem usado”.

Podemos observar em suas respostas que Cacá busca reconhecimento da comunidade na qual está inserida, pois deseja se comunicar da mesma forma com a qual outros membros se comunicam. Apesar de não mencionar possíveis desdobramentos linguísticos ao utilizar a forma *-x*, segundo Cacá, o *-@* tem semelhança com a marcação de gênero feminino, portanto ela acredita que a forma *-x* seja mais inclusiva.

Conforme já expomos, a linguagem corporiza e nomeia sujeitos através de uma construção discursiva. Assim, Stuart Hall (2004) sublinha que os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas, ao utilizarem a linguagem como recurso performático e de afirmação de identidades.

Na mesma direção, Jean afirma que sua motivação em utilizar *-x* foi uma tentativa de neutralizar ou minimizar a indicação do sexo das pessoas referidas através do emprego de uma forma inclusiva:

Caros,

(...)

não sei mais o que fazer para auxiliar a pessoa e expandir a compreensão auditiva.

Edit: **Alunx B1**

Aceito dicas, sugestões e artigos para leitura! Obrigada (Jean, postagem na comunidade) (grifo nosso).

Durante a entrevista, Jean confirma que sua intenção é a de incluir o máximo de expressões de gênero possíveis, evitando a dicotomia masculino/feminino:

(o -x) era um símbolo que já estava sendo usado para representar de *forma neutra* os indivíduos *sem mencionar gênero* e como sei que tanto *na comunidade quanto fora dela há muitas pessoas que não se identificam como "masculino" ou "feminino"* resolvi usar o "alunx" (Jean, entrevistas para aprofundar mensagens postadas) (grifo nosso)

O discurso de Jean sublinha a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo sexual para a organização da vida social contemporânea. A construção discursiva das sexualidades, exposta por Michel Foucault (2010), mostra-se fundamental para a Teoria *Queer*¹. Sobre isso, Jacques Derrida (1991) afirma que a lógica ocidental opera, tradicionalmente, através de binarismos: este é um pensamento que elege e fixa como fundante ou como central uma ideia, uma identidade ou um sujeito, determinado, a partir desse lugar, a posição do 'outro', o seu oposto subordinado. O termo inicial é compreendido sempre como superior, enquanto que o outro é o inferior. Tal lógica só pode ser desconstruída através de um processo que desconstrua, reverta e desordene esses pares.

Já Prata evoca seus conhecimentos em biologia para justificar o uso do símbolo -x para indeterminação de gênero:

Olá pessoal, que 2016 seja de muita alegria a *todxs* (Patrícia, postagem na comunidade) (grifo nosso)

Minha motivação e escolher este foi porque foi o primeiro com o qual deparei para *indeterminar o gênero*. Eu não conhecia nenhum outro até então. Continuo com ele por achar que ele *me lembra do cromossomo que é comum tanto masculino quanto ao feminino* (Prata, entrevistas para aprofundar mensagens postadas) (grifo nosso)

Ao tentar neutralizar o gênero gramatical, Prata parece evitar evocações performativas, que Beatriz Preciado (2002) chama de fragmentos linguísticos historicamente carregados do poder de investir um corpo como masculino ou feminino, bem como segregar corpos que ameacem a coerência da lógica de sexo/gênero.

¹ A teoria *queer* ganhou notoriedade como contraponto crítico aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política identitária dos movimentos sociais e é baseada em uma aplicação criativa da filosofia pós-estruturalista para a compreensão da forma como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea.

4.2. O pronome pessoal *they*, em inglês

Após analisarmos observações de eventos comunicativos em português, passaremos a focar no uso do pronome *they*, como é possível observar a seguir.

Tiê apresentou ao grupo uma de suas tentativas de ensinar o pronome *they* em uma conversa com um estudante em um aplicativo de mensagens instantâneas:

Há duas formas de incluir um espectro maior de expressões de gênero: usando *he* ou *she* (que só funciona se você não precisa repetir muitas vezes) ou utilizando *they*. O problema com *he* ou *she* é que você automaticamente exclui pessoas da comunidade LGBTQ, uma vez que há pessoas não-binárias.

Tradicionalmente, o pronome *they* no singular tem sido utilizado quando desconhecemos o gênero do antecedente na sentença ou quando ele é irrelevante (BODINE, 1975; MACKAY, 1980; MEYERS, 1990). Faz-se importante ressaltar que o singular *they* pode ser considerado naturalizado em inglês. Porém, em uma perspectiva prescritiva, seu uso é agramatical, o que pode acarretar uma dificuldade de entendimento por parte do aprendiz brasileiro.

Durante a entrevista, Tiê acredita que devemos, como professores, chamar atenção para as escolhas linguísticas que revelam papéis marcados de gênero:

Acho importante que os alunos saibam dessa possibilidade na língua para que possam *se comunicar de forma mais inclusiva* se assim o quiserem. Eu vejo indiretamente como uma *oportunidade de reflexão sobre nossas ideias pré-concebidas* (...) Mostrar que tem uma forma que inclui feminino e masculino e *não agride quem não se identifica nem com um nem com outro*, é a solução perfeita para *evitar problemas*. (Tiê, entrevistas para aprofundar mensagens postadas) (Grifo nosso).

O depoimento de Tiê vai ao encontro das proposições de Judith Butler (2003), ao apontar que gênero é um construto social afirmado através de nossas próprias performatividades, que devem ser repetidas para que sejam corporificadas. Isso está relacionado à ideia de que o discurso cria posições de sujeito para que possam ser ocupadas e construídas linguisticamente. Para a autora, porém, a estrutura de gênero não é discursiva e sim, corpórea. Ao argumentar que gênero é um ato performativo, entendemos que o mesmo só se torna real na medida em que é realizado.

Após apresentarmos a análise e discussão dos resultados e estabe-

lecer relações com a fundamentação teórica adotada, fazemos no próximo item nossas considerações finais.

5. Considerações finais

A linguagem é capaz de construir, criar consciências e estruturas ideológicas, moldar o pensamento e remunerar a imaginação para que possamos nos construir nas relações sociais. Como um reflexo da sociedade, a linguagem transmite e reforça estereótipos sobre gêneros. Ela não é sexista, porém, o uso que fazemos dela cotidianamente pode ser.

Apesar de vivenciarmos uma crescente reação ao machismo e à sociedade patriarcal, as marcas na língua desenvolvidas pelo poder e dominação do sexo masculino são notadas até hoje em exemplos simples como o de referenciar um grupo contendo um número expressivo de mulheres e apenas um homem como “eles”. O uso linguístico automatizado e naturalizado do masculino como regra e do feminino como exceção gera uma engrenagem de ocultação e discriminação do feminino e daqueles que não se entendem como parte do modelo binário de gêneros. A linguagem binária, dessa forma, demonstra influenciar na transmissão e no reforço dos estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens na sociedade.

Embora exista uma correlação entre gênero gramatical e sexo ao analisarmos nomes sexuais, há evidências que apontam para uma possibilidade de que gênero gramatical e gênero social sejam sistemas diferenciados, conforme analisamos tentativas de professores de inglês inseridos em uma comunidade virtual de neutralizar a marcação de gênero, seja em português ou em inglês, para referirem-se a seus alunos.

Percebemos, ao analisarmos os dados expostos, que há um movimento no grupo de professores de inglês BrELT que pode indicar uma busca de inclusão social em seus atos comunicativos e, assim, descaracterizar o binarismo presente na linguagem, através das variações linguísticas. Além disso, pudemos observar que tais professores tentam interromper o condicionamento social que impõe os papéis de gênero, gerando questionamentos e inteligibilidade sobre a desconstrução do pensamento pós-moderno, uma vez que procuram ferramentas para questionar sobre significados ocultos dos termos que usam.

É importante, porém, pontuar que ao analisar um ambiente virtual, as formas escritas de tentativa de inclusão social -x e -@ se tornam ex-

cludentes, uma vez que não levam em conta os usuários de dispositivos de acessibilidade para portadores de deficiência visual². Ao fazerem a leitura de um texto em uma tela, tais indivíduos recorrem a dispositivos eletrônicos que não conseguem pronunciar palavras como “alunxs” e “alun@s”. Apesar de não constar em nossos dados para esta pesquisa, a forma -e “alunes” não parece afetar a acessibilidade na leitura *online*.

Para concluir, esperamos que, este trabalho motive mais pesquisadores a analisar as conexões entre linguagem, gênero, sexualidade e identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982.
- BUCHTOLZ, Mary; HALL, Kira. “Language and Identity.” In: DURANTI, Alessandro (Org.). *A Companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell, 2003. p. 268-294.
- BUCHOLTZ, Mary; LIANG, Anita C.; SUTTON, Laurel. (Eds.). *Reinventing Identities: The Gendered Self in Discourse*. New York: Oxford University Press, 1999, p. 200-217.
- BUNZL, Matti. Inverted Appellation and Discursive Gender Insubordination: An Austrian Case Study in Gay Male Conversation. *Discourse and Society*, vol. 11, p. 207- 236, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2000.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad.: Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology: History, Ideas, and Is-*

² Conforme a matéria do G1 disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/escrever-todxs-ou-amigs-prejudica-sofware-de-leitura-dizem-cegos.ghtml>>. Acesso em: 09-10-2017.

sues. In: _____. (ed.). *Linguistic Anthropology: A Reader*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 1- 38.

ECKERT, Penelope. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____; MCCONNELL-GINET, Sally. "Think Practically and Look Locally: Language and Gender as Community-Based Practice. *Annual Review of Anthropology*, vol. 21, p. 461-490, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010, vol. 1.

HALL, Kira; O'DONOVAN, Veronica. Shifting Gender Positions Among Hindi-speaking Hijras. In: BERGVALL, Victoria, BING, Janet; FREED, Alice. (Eds.). *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London: Longman, 1996, p. 228-266.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Trad.: Gabriel de Ávila Othero. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 5, n. 9, ago.2007.

LIVIA, Anna. Disloyal to Masculinity: Linguistic Gender and Liminal Identity in French. In: ____; HALL, Kira. (Eds.). *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 349- 368.

LYRA, Pedro. O espaço pós-moderno da cultura. *Revista Tempo Brasileiro – A cultura no ciberespaço*, n. 179, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

MACKAY, Donald G. On the goals, principles, and procedures for prescriptive grammar: Singular they. *Language in Society*, 1980.

MEYERS, Miriam Watkins. Current generic pronoun usage: An empirical study. *American Speech*, 1990.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*. Trad.: Julio Díaz y Carolina Meloni. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002. Disponível em: <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Beatriz_Preciado_-_Manifiesto_contra-sexual_\(2002\).pdf?1373809656](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Beatriz_Preciado_-_Manifiesto_contra-sexual_(2002).pdf?1373809656)>.